



A praça como operação do espaço aberto moderno: Uma análise do projeto de Niemeyer para o complexo sede da ONU (1947)

Anderson Dall'Alba

DALL'ALBA, Anderson. A praça como operação do espaço aberto moderno: Uma análise do projeto de Niemeyer para o complexo sede da ONU (1947). *Thesis*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 20, e 580, dez. 2025

data de submissão: 23/07/2025
data de aceite: 03/12/2025

DOI: 10.51924/revthesis.2025.v10.580

Anderson DALL'ALBA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Faculdade de Arquitetura; Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR-UFRGS); dallalba.anderson@gmail.com

Contribuição de autoria: Concepção; Curadoria de dados; Análise; Coleta de dados; Metodologia; Software; Supervisão; Validação; Visualização Redação – rascunho original; Redação - revisão e edição: DALL'ALBA, A.

Conflitos de interesse: O autor certifica que não há conflito de interesse.

Financiamento: CAPES.

Uso de I.A.: O autor certifica que não houve uso de inteligência artificial na elaboração do texto.

Editores responsáveis: Ana Claudia Cardoso e Isis Pitanga.

Resumo

É sabido que a arquitetura moderna repensou a cidade tradicional à luz da noção ideal da cidade-parque, em que o vazio urbano convertido em natureza assumiria papel protagonista. No entanto, apesar das representações dos modelos utópicos terem enfatizado o espaço aberto como parque, a praça também foi objeto de projetos relevantes da arquitetura moderna. Este artigo examina a proposta de Oscar Niemeyer para o complexo sede da ONU (1947), na qual a praça constitui elemento formal e simbólico decisivo. Adota-se como método uma abordagem analítico-descritiva, baseada no desenho como instrumento de estudo e reflexão. O objetivo central do trabalho é avançar sobre a compreensão formal da praça moderna, problematizando o entendimento geral delineado no estado da arte da historiografia. Ao analisar a concepção de Niemeyer, o trabalho avança na discussão morfológica da praça moderna, tensionando a suposta homogeneidade do vazio moderno com frequência reiterada por parte da crítica, bem como sinalizando uma importante contribuição do arquiteto brasileiro ao tema.

Palavras-chave: praça; arquitetura moderna; Oscar Niemeyer; ONU.

Abstract

It is well known that modern architecture rethought the traditional city in light of the ideal notion of the park-city, in which the urban void, converted into nature, would assume a leading role. However, despite the representations of utopian models emphasizing open space as a park, the urban square was also the subject of relevant projects in modern architecture. This article examines Oscar Niemeyer's proposal for the UN headquarters complex (1947), in which the square constitutes a decisive formal and symbolic element. An analytical-descriptive approach is adopted as the method, based on drawing as an instrument of study and reflection. The central objective of the work is to advance the formal understanding of the modern square, problematizing the general understanding outlined in the state of the art of historiography. By analyzing Niemeyer's conception, the work advances the morphological discussion of the modern square, challenging the supposed homogeneity of the modern void frequently reiterated by critics, as well as signaling an important contribution of the Brazilian architect to the subject.

Keywords: urban square; modern architecture; Oscar Niemeyer; UN.

Resumen

Es sabido que la arquitectura moderna repensó la ciudad tradicional a la luz de la noción ideal de la ciudad parque, en la que el vacío urbano convertido en naturaleza asumiría un papel protagonista. Sin embargo, a pesar de las representaciones de modelos utópicos que enfatizaban el espacio abierto como parque, la plaza también fue objeto de proyectos relevantes en la arquitectura moderna. Este artículo examina la propuesta de Oscar Niemeyer para el complejo sede de la ONU (1947), en la que la plaza constituye un elemento formal y simbólico decisivo. Se adopta un enfoque analítico-descriptivo como método, basado en el dibujo como instrumento de estudio y reflexión. El objetivo central del trabajo es avanzar en la comprensión formal de la plaza moderna, problematizando la comprensión general planteada en el estado del arte de la historiografía. Al analizar la concepción de Niemeyer, el trabajo avanza en la discusión morfológica de la plaza moderna, cuestionando la supuesta homogeneidad del vacío moderno, frecuentemente reiterada por la crítica, y señalando una importante contribución del arquitecto brasileño al tema.

Palabras-clave: plaza; arquitectura moderna; Oscar Niemeyer; ONU.

Introdução

Este artigo investiga o tema da praça na arquitetura moderna, com especial atenção aos seus aspectos morfológicos¹. O objetivo central do texto é avançar sobre a compreensão formal da praça moderna, problematizando o entendimento geral delineado no estado da arte da historiografia.

A investigação de novas formas de relação entre edifício e espaço aberto foi, como se sabe, uma das propostas paradigmáticas do movimento moderno na arquitetura (ROWE; KOETTER, 1978). Na ideia de cidade imaginada através da arquitetura moderna, cujo modelo canônico Le Corbusier representou em *Ville Radieuse* (1930), tão ou mais importante que os edifícios soltos como objetos autônomos, era o parque verde contínuo, livre e iluminado que recobriria o solo. À luz dessa imagem utópica em que o espaço aberto seria elemento hegemônico, idealizou-se um padrão de cidade razoavelmente densa, mas que pretendia, ao mesmo tempo, recuperar a presença abundante da natureza.

Para além das conhecidas críticas a esse modelo de cidade, cuja complexidade de princípios foi por vezes incompreendida ou superficialmente interpretada, a noção moderna de espaço aberto como parque também foi questionada, uma vez que ele foi tomado como elemento exclusivo de constituição de um vazio urbano supostamente genérico ou homogêneo. Nesse contexto, estudiosos e críticos conhecidos presumiram desde uma desconsideração da modernidade ao tema da praça até um aparente rompimento com a forma tradicional de sua manifestação na cidade.

Em *Urban Space* (1975; 1979 trad.), Rob Krier alegou a “erosão do espaço urbano” na arquitetura moderna, cujas propostas excessivamente abertas e indiferenciadas teriam negligenciado os elementos básicos da cidade tradicional. Para Krier (1979, p. 79, tradução nossa), o apelo visual das concepções urbanas de Le Corbusier decorre de “edifícios como unidades isoladas e de sua perfeição formal, e não de uma composição dotada de espaços geometricamente legíveis expressos em ruas e praças”. Críticas parecidas não menos simplistas ressurgiram em *Rational Architecture Rationnelle. The Reconstruction of the European City* (1978)², onde Leon Krier (1978, p. 34-38) tornou notório o interesse da época na recuperação literal de espaços urbanos precisos. Colin Rowe e Fred Koetter, em *Collage City* (1978) observaram que os modelos urbanos da arquitetura moderna não incluíram a pra-

¹ Trata-se, aqui, de um dos estudos de caso analisados na tese de doutorado defendida no PROPAR-UFRGS: DALL'ALBA, A. A Arquitetura da Praça Moderna. Contribuições Latino-Americanas (1932-1978). 2024. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura Porto Alegre, 2024.

² Coletânea originada a partir de exibição na XV Trienal de Milão (1973) com o tema *Architettura-Città*, curada por Aldo Rossi e depois remontada em Londres (1975).

ça, pelo menos em sua configuração tradicional de recinto fechado, substituindo-a pelo que chamaram de “urban foyers”, vazios que serviriam de recepção aos edifícios. Finalmente, em *Piazze nell’architettura contemporânea* (1995), o italiano Paolo Favole reforçou uma indiferença notória do movimento moderno ao tema da praça, uma vez que este estaria supostamente mais preocupado com questões de natureza e urgência diferentes.

No entanto, estudos recentes têm confrontado essas críticas ao revisar a arquitetura moderna por meio da análise rigorosa da prática projetual, sobretudo no âmbito da América Latina. Ainda que não centrados especificamente no tema da praça, esses trabalhos ampliam a compreensão da larga diversidade das experiências modernas, que por vezes relativizam suas próprias formulações teóricas.

Alan Colquhoun (1981) destacou que a cidade moderna não eliminou o espaço público, mas reformulou a lógica de continuidade espacial por configurações espaciais mais abertas e fluidas. Essa leitura desloca o foco da crítica à forma moderna para uma compreensão morfológica mais complexa, em que a suposta inversão entre cheios e vazios redefine a configuração do espaço público em vez de simplesmente o diluir.

Comas (1987) demonstrou a pertinência do tema da praça na arquitetura moderna brasileira no artigo em que trata do Ministério da Educação e Saúde (1936). Em sua análise, ele destaca o caráter monumental pioneiro do projeto, que repropôs o solo da cidade existente como uma ampla praça pública articulando edifício e entorno. Na mesma frente de estudos, Cabral (2013; 2016) também considerou a praça moderna em suas análises sobre o Centro Cívico de Santa Rosa (1955), construído na Argentina, e sobre a Cidade Universitária de Caracas (1943), na Venezuela. Castro Oliveira (2006) observou a praça de acesso criada por Lucio Costa no projeto da Universidade do Brasil (1936) como um dos elementos mais emblemáticos da concepção, que também já foi objeto de análises diversas.

Alinhado a esses trabalhos, este artigo analisa a concepção de Oscar Niemeyer para o complexo sede da Organização das Nações Unidas (ONU) (1947), assumindo como hipótese que o espaço aberto moderno é mais diverso do que a crítica geralmente supõe. Adota-se como método uma abordagem analítico-descritiva centrada nos aspectos morfológicos do projeto, que constitui a própria base empírica da investigação. A

análise parte do desenho como instrumento de estudo e reflexão, buscando compreender operações projetuais que estruturam a relação entre sólido e vazio. Busca-se, assim, explicar estruturas espaciais e procedimentos compositivos, entendendo o projeto como operação dotada de uma singularidade própria, ainda que não isolada de considerações interdisciplinares e transversalidade, como adverte Solà-Morales (2003)³.

O complexo edifício-praça de Niemeyer

A fundação da Organização das Nações Unidas data de 1946, coincidindo com o contexto do pós-guerra e os esforços para a manutenção da diplomacia internacional. Em 1947, arquitetos de diversos países foram convidados a formar uma equipe e a prestar consultoria ao projeto do edifício-sede, na época sob direção do americano Wallace Harrison (VON MOSS, 2009, p. 244). Além de responder à forma e ao programa, a concepção tinha como requisito fundamental expressar o caráter simbólico da instituição. Oscar Niemeyer representou o Brasil nesse encargo, e trabalhou junto a Le Corbusier, ao uruguai Julio Vilamajó, e a outros personagens importantes da vanguarda moderna. Ao propor um complexo de edifícios e praça (Figura 1), sua proposta foi eleita pelo grupo como a solução mais adequada, ainda que diversas modificações e entraves tenham acompanhado a realização da obra.

³ Ver: SOLÀ-MORALES, I. Prácticas teóricas, prácticas históricas, prácticas arquitectónicas. In: SOLÀ-MORALES, I. *Inscripciones*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003, p. 257-266.

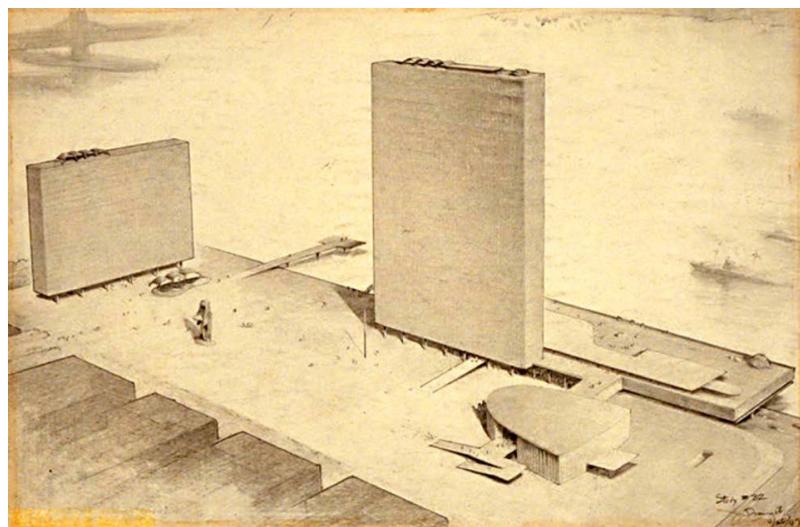


Figura 1

Proposta para a sede da ONU (Oscar Niemeyer, 1947), Nova Iorque, Estados Unidos. Perspectiva aérea por Hugh Ferriss
Fonte: REED, P. *The United Nations in perspective*. New York: Museum of Modern Art, 1995, p. 6. Disponível em: <<https://www.moma.org/calendar/exhibitions/459>>. Acesso em: 14 de set. 2025

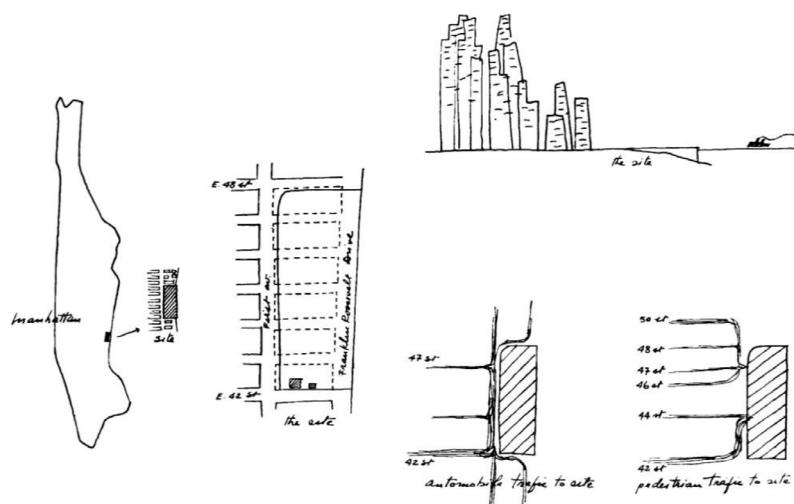


Figura 2

Esboços de Niemeyer representando a inserção da proposta
Fonte: PAPADAKI, S. *The work of Oscar Niemeyer*. New York: Reinhold, 1950, p. 175

Niemeyer apresentou seu projeto, que foi identificado sob o número 32, por meio de uma sequência de esquemas que narravam a evolução do partido. O terreno era amplo, um polígono quase retangular com aproximadamente 470 m de extensão por 180 m de profundidade, que abrangia uma área equivalente a seis quarteirões da malha urbana (Figura 2). Niemeyer conectava a frente e as laterais às vias adjacentes e prolongava os fundos até o rio, onde previa eliminar o tráfego de veículos. Essa solução destacava a vista para o edifício na aproximação pela água, além de contribuir para o caráter monumental necessário à obra. Seus desenhos também indicam que ele concentrou a circulação de pedestres em duas entradas, a primeira próxima ao fluxo maior que chegava das ruas 46-50, e a segunda nas imediações das ruas 42 e 44.

Os estudos de Niemeyer partem da manipulação de três peças principais: o volume da assembleia geral (1), a torre do secretariado (2) e a barra das delegações (3). A esses blocos, acrescentam-se os anexos das câmaras de conselho e das salas de conferências e comitês, que ele trata como elementos secundários da forma. Sua sequência de croquis mostra que ele varia a disposição dos blocos sempre atento à perspectiva configurada do conjunto desde a avenida (Figura 3). A barra das delegações fica na mesma posição nos quatro esquemas, alinhada em paralelo à via norte. Já o volume da assembleia geral aparece aos fundos do lote no primeiro estudo, com a torre do secretariado à frente, em condição que obstruiria a vista. Nos desenhos seguintes, Niemeyer espelha os dois blocos e recupera parte da abertura da perspec-

tiva, ao mesmo tempo em que a limita, aos fundos, pela própria torre, que aparece deslocada para trás. O volume da assembleia, agora à frente, ganha corpo com as câmaras de conselho e as salas de conferências e comitês. Mas esse agrupamento gera um bloco alongado que interrompe a amplitude visual que Niemeyer persegue, além de reduzir significativamente a área livre do terreno. Finalmente, o último esquema resolve o problema da vista alterando a relação entre os blocos. O volume da assembleia vem para a frente e ganha autonomia formal. Os anexos tornam-se uma barra própria, que é implantada aos fundos da torre e conectada ao bloco da assembleia por uma grande marquise.

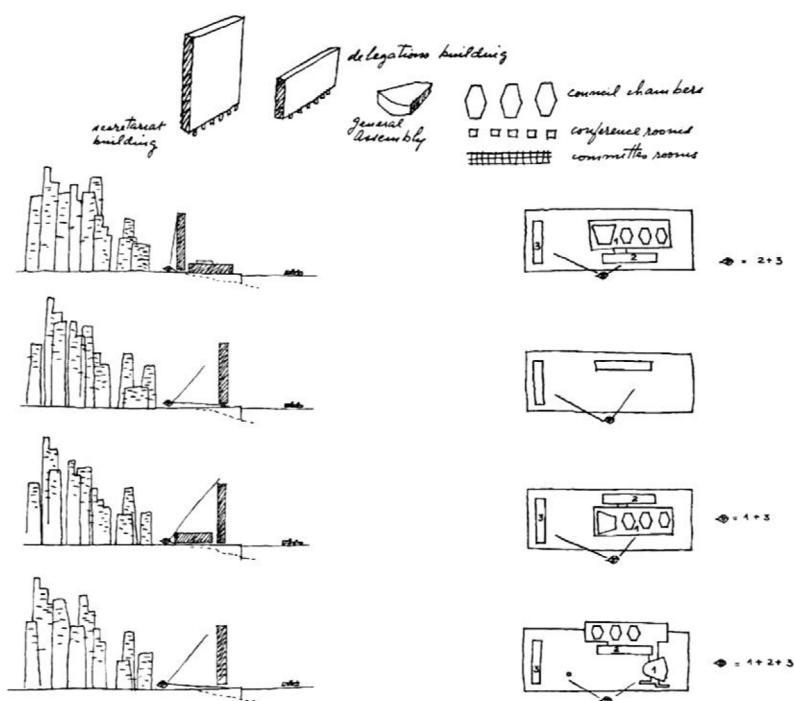


Figura 3

Evolução dos estudos de Niemeyer para o partido geral. Fonte: PAPADAKI, S. *The work of Oscar Niemeyer*

Fonte: PAPADAKI, S. *The work of Oscar Niemeyer*. New York: Reinhold, 1950, p. 176-177

Fica evidente nesses esquemas que os movimentos de Niemeyer na forma eram motivados pelo desejo de desobstruir a vista da avenida em direção ao conjunto, alcançando um enquadramento adequado à condição monumental desejada. Todavia, essa não parece ser a única razão. Como já havia feito no projeto do Ministério da Educação e Saúde (1936-43), Niemeyer reitera que o problema da monumentalidade está colocado não só na composição do sólido, mas também do vazio por ele configurado. Além de emoldurar a vista na articulação minuciosa entre os três blocos pro-

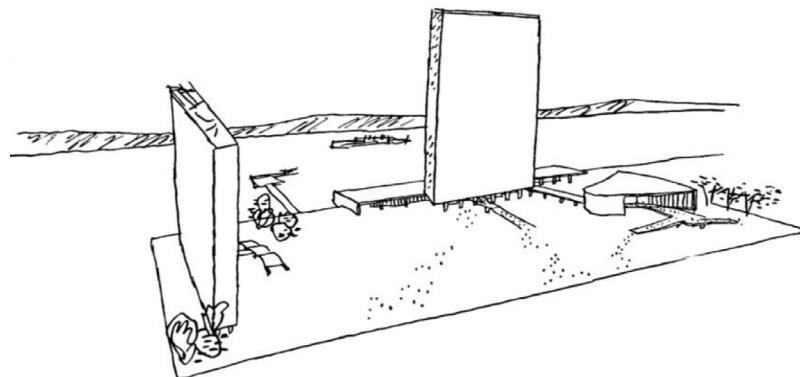


Figura 4

Praça das Nações Unidas idealizada por Niemeyer

Fonte: PAPADAKI, S. *The work of Oscar Niemeyer*. New York: Reinhold, 1950, p. 174

gonistas, o arranjo final recorre à praça pública para acentuar o caráter excepcional do conjunto, simbolizando, no espaço, o caráter cosmopolita da instituição (Figura 4).

O arranjo compositivo elaborado estabelece uma triangulação entre os volumes, que apesar de independentes na forma, relacionam-se através do vazio, definindo sobre ele um recinto semifechado (Figura 5). Esse recinto é contornado pela barra das delegações, a norte, pelo volume da assembleia, a sul, e pela torre do secretariado mais anexos, a leste. A frente oeste é totalmente aberta ao passeio, mas contida nas vistas pela massa edificada que preenche os quarteirões vizinhos. A frente leste, por sua vez, tem visual metade enquadrada pela torre do secretariado mais anexos e pelo volume da assembleia na lateral. A outra parcela permanece liberada até encontrar a barra das delegações na extremidade oposta. Esse vazio

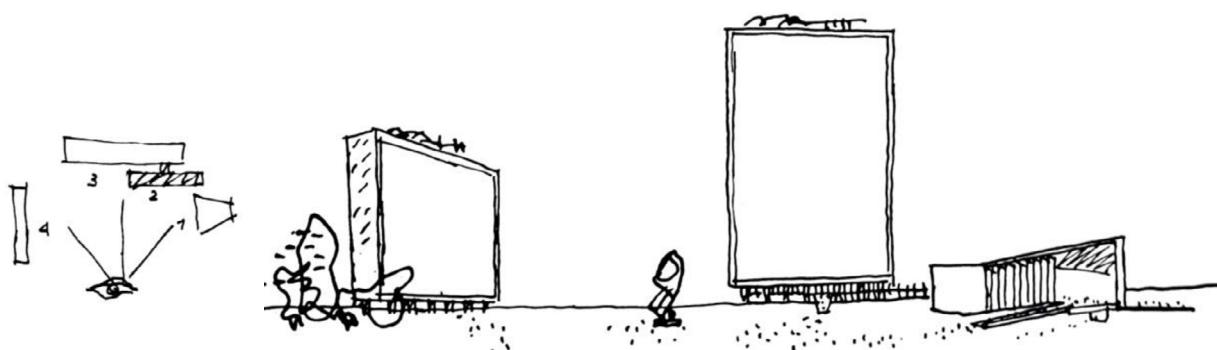


Figura 5

Croquis de Niemeyer representando a vista enquadradada pelos edifícios

Fonte: NIEMEYER, O. *O projeto das Nações Unidas*. Módulo. Rio de Janeiro, nº 96, novembro 1987, p. 29

enquadrado entre a torre e a barra conecta a praça ao rio, estendendo-a sobre uma passarela flutuante que termina no píer de acesso aos barcos.

Esse tensionamento na forma da praça, que se apresenta ora aberta ora fechada, emoldurada por corpos desenvolvidos ora na horizontal ora na vertical, sugere ecos da tradição na composição moderna de Niemeyer. A Praça das Nações Unidas, como ele a chamou, parece encontrar precedente análogo na Praça de São Marcos italiana. Ainda que não sejam rebatimentos literais, ambas as praças são delimitadas por três peças horizontais ao redor de um corpo vertical (Figura 6). As escadas são grandiosas, mas Niemeyer triplica o vazio de São Marcos ($70\text{ m} \times 180\text{ m}$) na Praça da ONU ($180 \times 470\text{ m}$), mantendo, curiosamente, a proporção aproximada de 1:2,5. A torre do secretariado alarga e verticaliza o campanário de São Marcos, também posicionado à frente de um bloco horizontal. A assembleia alude à basílica transladada para a lateral oposta, e a barra das delegações ao Palácio Ducal mais alto e para trás. Os quarteirões edificados preexistentes encerram o quarto plano, dando bordas mais concretas ao vazio. A frente voltada para o rio remete à porosidade das arcadas de São Marcos nos pilotis da torre e da barra das delegações, mas logo transita para uma

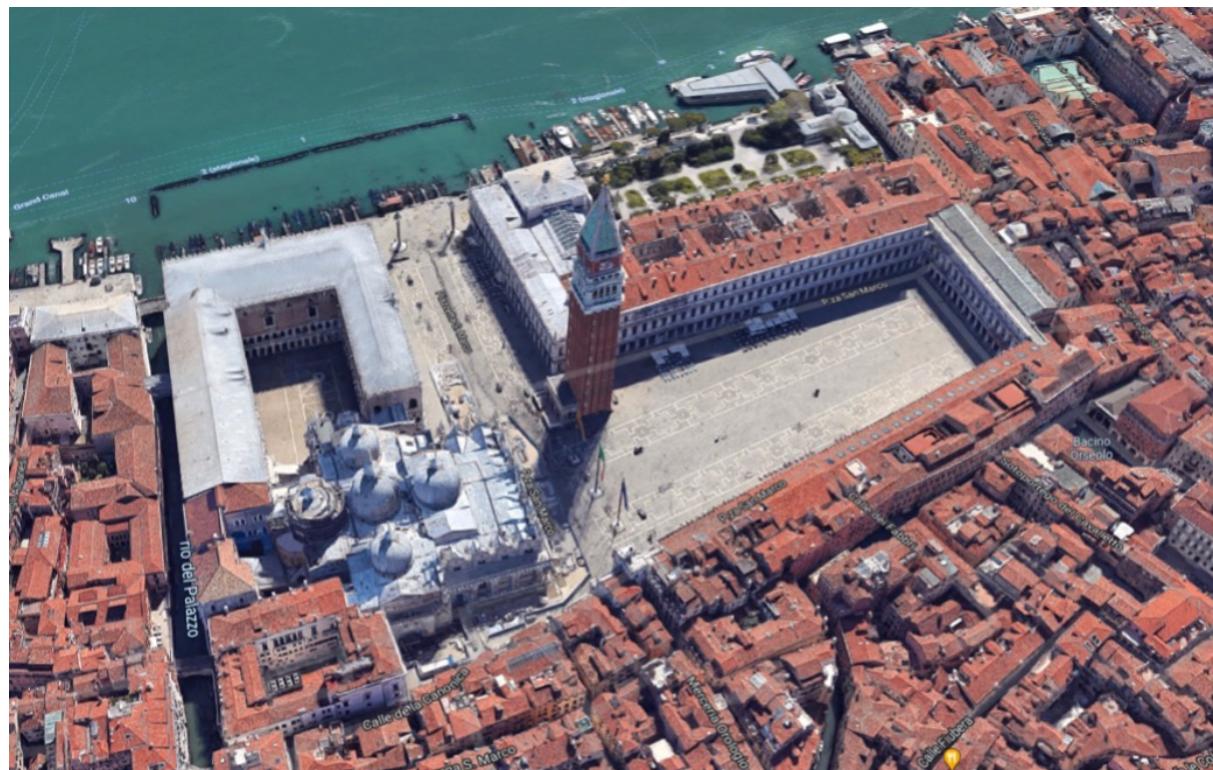


Figura 6

Praça de São Marcos (século IX-XII), vista aérea

Fonte: Google Maps. Disponível em: <<https://www.google.com/maps>>. Acesso em: 05 de set. 2025

⁴ A relação aqui traçada entre a Praça das Nações Unidas e a Praça de São Marcos não deve ser entendida como analogia literal, referência direta ou intenção historicista. A citação opera no âmbito da composição, em alusão de cunho tipológico-formal, que explora possíveis relações, em chave abstrata, entre a forma moderna e precedentes urbanos da tradição.

abertura mais enfática do espaço até a costa, em progressão semelhante ao caso italiano⁴.

Entretanto, referentes modernos também informam a praça de Niemeyer. Sert já havia proposto um arranjo similar em sua concepção para a Cidade dos Motores (1944), no Brasil, considerada por muitos críticos um protótipo da ideação do *core* moderno (Figura 7). A praça da Cidade dos Motores é um recinto bem mais fechado que o da ONU, mas também definido por três peças, um corpo vertical abraçado por dois blocos mais baixos. A frente aberta não olha para o rio, mas para uma massa ordenada de palmeiras imperiais, que alude ao mesmo contraponto entre arquitetura e natureza presente na ONU e recorrente no projeto moderno.

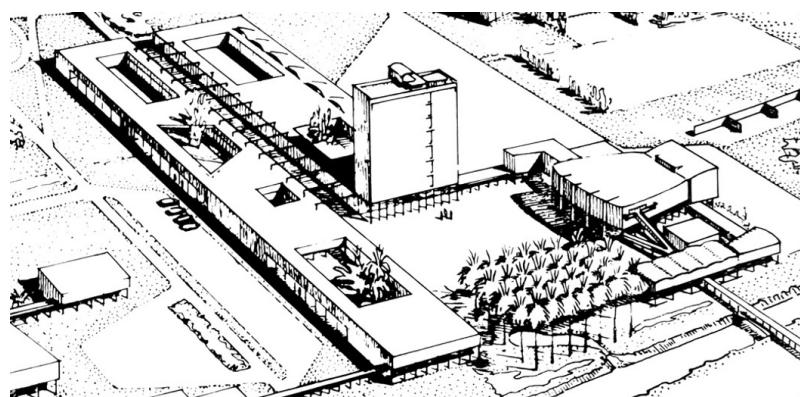


Figura 7

Cidade dos Motores (Sert e Wiener, 1944), perspectiva aérea
Fonte: L'Architecture d'Aujourd'Hui. Paris, n. 13-14, setembro 1947, p. 104

⁵ Realizado em Hoddesdon, o CIAM VIII (1951) buscou responder à crítica crescente de que a cidade moderna havia se tornado excessivamente rarefeita, sem limites definidos e carente de espaços públicos reconhecíveis (TYRWHITT; SERT; ROGERS, 1952). Nesse contexto, alguns arquitetos passaram a defender a reintrodução de certa ideia de centralidade e de pontos de encontro coletivos. No entanto, essa tentativa de “recuperar limites” ao espaço aberto não se traduziu na volta explícita à praça como categoria tradicional do urbanismo. Em vez disso, o discurso do CIAM VIII adotou termos como *core* ou centro cívico, que carregavam uma conotação mais abstrata.

⁶ “Demarcação topológica do chão” refere-se à operação projetual que distingue uma porção do solo por meio de uma alteração de nível, plataforma ou superfície pavimentada contínua, criando uma condição específica de lugar sem recorrer necessariamente a limites físicos encerrados.

Outro antecedente que pode ser tomado é o Centro Cívico de Saint-Dié (1945) de Le Corbusier, que incorporava a praça cívica para dar resposta ao problema do *core* (Figura 8). Curiosamente, esse tema parece ter dissimulado em parte o discurso do CIAM VIII (1951) para recuperar certos limites ao espaço aberto, ainda que mais abstratos, preferindo a denominação de *core* ou de “centro cívico” em vez de explicitar uma noção moderna de praça⁵. Em Saint-Dié, Corbusier compõe com elementos parecidos aos empregados por Sert e depois Niemeyer, mas solta-os sobre uma plataforma que constrói sobre o solo em contraponto ao parque verde idealizado para o restante da parcela. A praça de Corbusier coincide com essa demarcação topológica do chão⁶, mas é fracionada numa série de recintos menores a partir da dispersão relacional dos blocos edificados, que atribuem contornos a uma sequência de vazios mais ou menos abertos e de escala variadas.

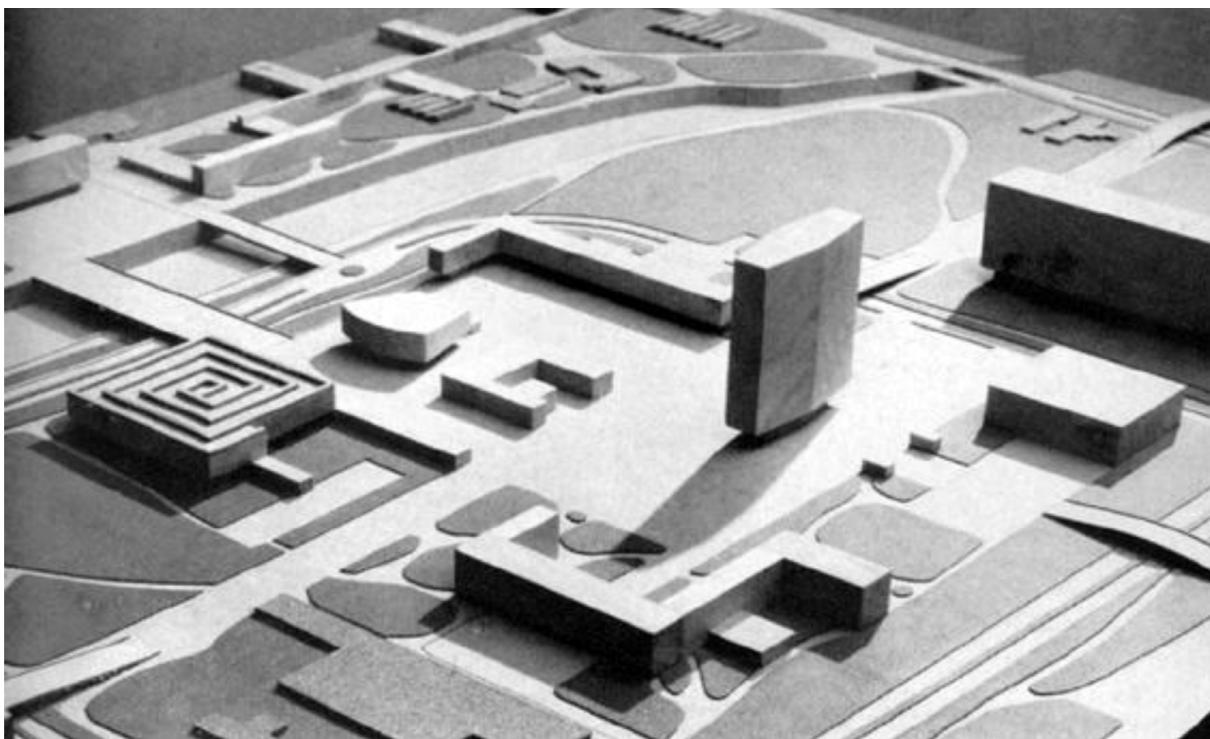


Figura 8

Centro Cívico de Saint-Dié (Le Corbusier, 1945), maquete volumétrica

Fonte: TYRWHITT, J.; SERT, J. L.; ROGERS, E. N. (Orgs.). *The Heart of the City: towards the humanisation of urban life*. London: Lund Humphries, 1952, p. 97

Já o chão desenhado por Niemeyer na ONU não é uma plataforma espessa, mas exerce o mesmo papel de contraponto que define o lugar por excepcionalidade, nesse caso, ao romper com a oposição rígida entre público e privado característica do contexto. Indo além, esse plano supostamente inerte ganha movimento vertical nas generosas rampas suspensas que convidam aos acessos da assembleia e dos anexos. É por elas que Niemeyer faz a transição da praça aos edifícios, desembocando o percurso em pavimento que propõe totalmente aberto ao público.

O tratamento paisagístico tem versões diversas. O chão aparece como praça seca em quase todos os croquis de Niemeyer. Porém, na planta publicada por Papadaki (1950), figuram zonas mistas, possivelmente ajardinadas, descritas como “tentativa de tratamento dos espaços abertos e acessos” (Figura 9). Nessa versão, a praça ganha ruas internas para os acessos especiais. As formas sinuosas dos jardins dialogam com o desenho escultórico do volume da assembleia e com as cascas abobadadas que criam a cobertura de acesso à barra das delegações.

O vazio convertido em praça monumental protagoniza a concepção de Niemeyer, e essa é, afinal, uma decisão consciente do arquiteto. Tanto é assim que ele

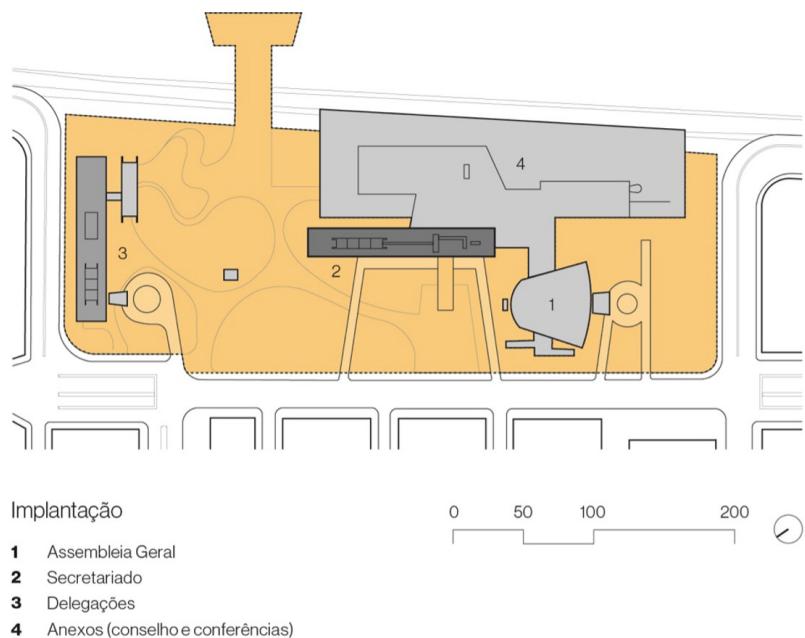


Figura 9

Implantação. Em laranja, indica-se a configuração virtual da praça, que ganha contornos mais definidos no recinto edificado sobre o chão público. Os edifícios estão assinalados em cinza, com graduação de alturas sugeridas do mais escuro ao mais claro. Escala gráfica indicada

Fonte: Elaboração do autor. Base de desenho: PAPADAKI, S. *The work of Oscar Niemeyer*. New York: Reinhold, 1950, p. 178-179

próprio apontou distorções no projeto realizado, em que a praça acabou suprimida. Embora sua proposta tenha sido escolhida pela equipe, a intervenção de Le Corbusier acabou por dar outros rumos ao projeto, cujos efeitos Niemeyer relembrou anos mais tarde:

"Ele [Le Corbusier] tentou convencer-me de que a Assembleia Geral devia ficar no centro do terreno, justificando: 'Hierarquicamente, é o elemento principal do conjunto. Seu lugar, portanto, é no centro do terreno'. Eu não concordava, achava que, ficando de lado, como eu previa, a Assembleia Geral liberava a área, em vez de cortá-la em dois, criando assim a grande praça que, no meu entender, enriquecia o caráter monumental do conjunto. Entretanto, decidi contentá-lo. Meu único desejo era prestar-lhe todo o meu apoio, pois sabia que a equipe de Harrison preparava-se para desenvolver meu projeto. Decidimos então fundir nossos dois projetos em um só, que classificamos como 23-32." (NIEMEYER, 1987, p. 29)

Comparado ao projeto de Niemeyer, o partido de Corbusier empregava os mesmos elementos compostivos, mas a configuração do espaço aberto resultava bastante diversa (Figura 10). Apresentada sob o número 23, a proposta corbusiana concebe o conjunto das Nações Unidas como um "edifício-parque" arti-

culado em torno de uma vasta esplanada verde, sobre a qual se ergue o volume da assembleia geral e, em segundo plano, a torre do secretariado. O volume da assembleia, centralizado no terreno, torna-se um apêndice da barra dos anexos, que, por sua vez, intersecciona a torre do secretariado em frente e fundos. Essa solução gera dois vazios, como descreveu Niemeyer, um à frente da torre e outro entre o volume da assembleia e a barra das delegações, que são conectados pelo recuo frontal do bloco dos anexos. No entanto, esse fracionamento imposto pelo arranjo volumétrico é contradito pelo tratamento uniforme do espaço aberto. Em seus estudos, Corbusier representa o vazio sempre como verde contínuo, interrompido apenas pelas ruas internas de acesso. Sua opção pelo

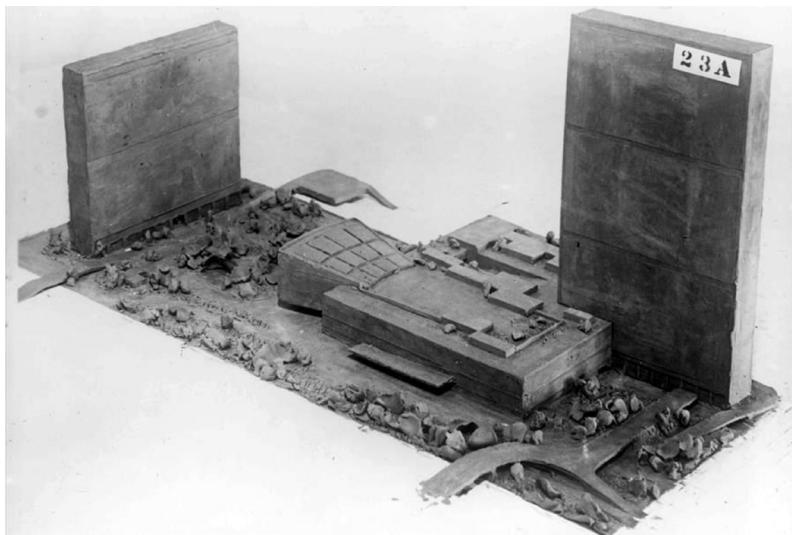


Figura 10

Proposta de Corbusier para o edifício-sede da ONU (1947)

Fonte: CORBUSIER, Le; JEANNERET, Pierre. *Oeuvre complete*. Zurich: Les Editions D'Architecture, 1995, v. 4, p. 196

espaço aberto como parque em vez de praça é evidente, e como ele mesmo descreveu, sua proposta ofereceria à Manhattan um pedaço de *Ville Radieuse* (1930), contraponto natureza à massa edificada da cidade (CORBUSIER; JEANNERET, 1995, v. 4, p. 196).

Chama atenção esse interesse de Corbusier em realizar, pelo menos em parte, os conceitos que ele preconizou em *Ville Radieuse* (1930), aproveitando-se, talvez, da projeção internacional do encargo. Afinal, ele repete o espaço aberto como parque que também havia proposto em sua concepção frustrada para a Liga das Nações (1927), que, por sinal, foi substituída pela ONU no pós-guerra. Ainda assim, o discurso de Corbusier não deixa de recorrer às ambivalências

típicas do arquiteto. Em sua obra completa, ele explicou a proposta da ONU como a *Place de La Concorde* reinterpretada numa composição moderna de sólidos imponentes, transformada à luz da imagem dos jardins de Versalhes:

"Imagine a Place de la Concorde como uma praça de sólidos, construída à altura de seus palácios. [...] Todo o grupo está disposto em um terreno de 450 metros de comprimento (o parque de Versalhes tem 400 metros de largura). Ao redor das três massas arquitetônicas está um parque aberto. Imaginei uma rampa subindo suavemente do parque até os telhados do grande quarteirão". (CORBUSIER, 1952, p. 47)

Considerações finais: a praça como operação do espaço aberto moderno

Embora aproximadas pelo encargo, as propostas de Niemeyer e Corbusier se distanciam na resposta projetual. Ainda que haja pequenas variações nos elementos de composição, a grande diferença entre elas se dá sobretudo na configuração do vazio, cujo papel seria determinante para o caráter simbólico da instituição. Ainda que prevaleça sobre o espaço aberto, o parque de Corbusier é um elemento coadjuvante da sua proposta frente à monumentalidade da arquitetura. Já a opção de Niemeyer por elaborar a praça demonstra um outro entendimento sobre o problema do vazio. O caráter monumental que Niemeyer persegue implica tanto a praça quanto os edifícios. Se o arranjo formal cria a praça, a praça valida e simboliza a forma, numa via de mão dupla. Na visão de Niemeyer, sólido e vazio estão entrelaçados na composição e no caráter, e não admitem compreensão parcial. Nesse sentido, talvez a Praça da ONU fosse uma possível resposta do arquiteto à demanda por monumentalidade que permeou a noção de centro cívico moderno, desenhando uma alternativa que explicitamente convoca e reinterpreta o tipo urbano tradicional.

A versão por fim construída é um híbrido das propostas de Niemeyer e Le Corbusier, denominada 23-32 (Fig. 11), que foi desenvolvida pela equipe liderada por Harrison e Max Abramovitz. Durante o processo, diversas outras modificações foram implementadas, comprometendo boa parte dos conceitos de ambas as propostas. Ainda que o partido adotado derive da proposta conjunta, a configuração executada alterou profundamente a forma e o caráter do espaço aberto, elemento central nas concepções originais. Como previu Niemeyer, a mudança na disposição do volume da assembleia realmente eliminou a praça. Mas o parque previsto por Corbusier também não se concretizou.

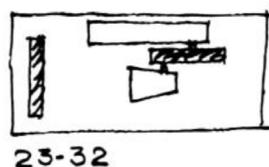
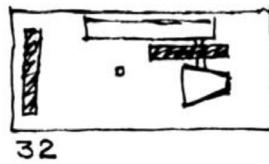
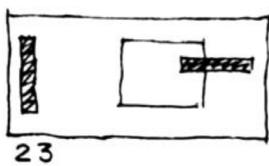


Figura 11
Esquemas de Niemeyer representando a combinação entre a sua proposta (32) e o partido de Corbusier (23). Fonte: NIEMEYER, O. O projeto das Nações Unidas. Módulo, Rio de Janeiro, n. 96, novembro 1987, p. 29

O volume da assembleia geral foi mantido na posição central definida por Le Corbusier, deslocado ligeiramente em relação à torre do secretariado (Fig. 12). A barra das delegações, entretanto, foi suprimida, o que isolou o vazio principal na lateral do terreno, convertendo-o num jardim residual, apartado dos edifícios.

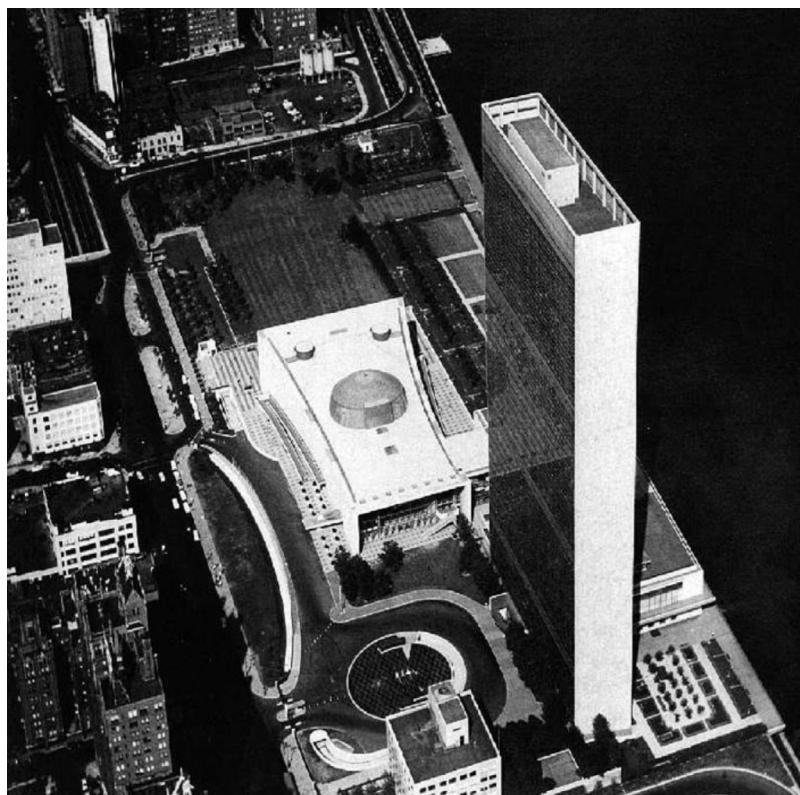


Figura 12

Vista do edifício-sede na configuração realizada

Fonte: REED, P. *The United Nations in perspective*. New York: Museum of Modern Art, 1995, p. 6. Disponível em: <<https://www.moma.org/calendar/exhibitions/459>>. Acesso em: 14 de mar. 2025.

A eliminação da barra e a posição da central do corpo da assembleia romperam com a triangulação entre os três blocos principais proposta por Niemeyer, que conformavam virtualmente um recinto edificado. A área frontal transformou-se, assim, num *cul-de-sac* destinado ao acesso de veículos, desprovida do simbolismo e do caráter cívico pretendido pelo arquiteto brasileiro. A monumentalidade permanece, mas sem o suporte espacial e simbólico da praça que a reforçava.

Ainda assim, o desenrolar dos fatos valida a experiência à medida que dá subsídios para compreender melhor o repertório moderno, que não se fez só da obra, mas também do projeto. O exame atento da proposta de Niemeyer fortalece o argumento colocado neste artigo: se as teorizações iniciais da arquitetura moderna enfatizaram o vazio urbano como parque, os desdobramentos da prática revelam evidências que não excluíram a praça, e importa assinalar, nesse aspecto, a contribuição latina. Em última análise, a configuração do espaço aberto mais sugere uma decisão a ser tomada desde o projeto do que uma pré-condição rígida imposta pela doutrina. Em sua proposta, Corbusier optou por um fragmento de parque. Já Niemeyer deu forma à praça, cujo simbolismo defendeu enfaticamente. Em nenhum dos casos houve ingenuidade quanto à forma. Ao contrário, foram decisões elaboradas, que demonstram, justamente, a pluralidade de abordagens que a concepção moderna admite.

Referências

- CABRAL, C. C. História de um lugar moderno: Clorindo Testa e o centro cívico de Santa Rosa, La Pampa. *Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*. São Paulo, n. 34 (dezembro 2013), p. 110-125. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/81047>>. Acesso em: 08 de mar. 2025.
- CABRAL, C. C. Villanueva e a cidade dos objetos. *Arquitextos*. São Paulo, ano 16, n. 190.04 (março 2016), Vitrivius. Disponível em: <<http://www.vitrivius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.190/5992>>. Acesso em: 08 de mar. 2025.
- CASTRO OLIVEIRA, R. Jogos compostivos na cidade dos prismas: Universidade do Rio de Janeiro, 1936. *Arqtexto*. Porto Alegre, n. 9, (2006), p. 40-53. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_9/9_Rog%C3%A9rio%20de%20Castro%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 26 de abr. 2019.
- COLQUHOUN, A. *Essays in Architectural Criticism: Modern Architecture and Historical Change*. Cambridge: MIT Press, 1981.
- COMAS, C. E. D. Protótipo e Monumento, Um Ministério, O Ministério. *Projeto*. São Paulo, no 102 (agosto 1987), p. 136-149.

CORBUSIER, L. The Core as a Meeting Place of the Arts. In: TYRWHITT, J.; SERT, J. L.; ROGERS, E. N. (Orgs.). *The Heart of the City: towards the humanisation of urban life*. London: Lund Humphries, 1952, p. 41-52.

CORBUSIER, L; JEANNERET, P. *Oeuvre complete*. Zurich: Les Editions D'Architecture, 1995, v. 4.

DALL'ALBA, A. *A Arquitetura da Praça Moderna. Contribuições Latino-Americanas (1932-1978)*. 2024. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Porto Alegre, 2024.

FAVOLE, P. *Piazze nell'architettura contemporanea*. Milano: Federico Motta, 1995. Tradução: La plaza en la arquitectura contemporánea. Barcelona: Gustavo Gili, 1995.

KRIER, L; DELEVOY, R.; VIDLER, A.; SCOLARI, M. [et al]. *Rational Architecture: The Reconstruction of the European City*. Brussels: AAM Editions, 1978.

KRIER, R. *Stadtraum in Theorie und Praxis*. Stuttgart: Karl Krämer Verlag, 1975. Tradução: Urban Space. London: Academy Editions, 1979.

MUMFORD, E.; SARKIS, H. (Eds.). Josep Lluís Sert. *The Architect of Urban Design, 1953-1969*. New Haven; London; Cambridge: Yale University Press; Harvard University School of Design, 2008.

NIEMEYER, O. O projeto das Nações Unidas. *Módulo*. Rio de Janeiro, nº 96 (novembro 1987), p. 28-29.

PAPADAKI, S. *The work of Oscar Niemeyer*. New York: Reinhold, 1950.

REED, P. *The United Nations in perspective*. New York: Museum of Modern Art, 1995.

ROWE, C.; KOETTER, F. *Collage City*. Cambridge: MIT Press, 1978.

SITTE, C. *A construção das cidades segundo seus princípios artísticos*. São Paulo: Ática, 1992.

SOLÀ-MORALES, I. Prácticas teóricas, prácticas históricas, prácticas arquitectónicas. In: SOLÀ-MORALES, I. *Inscripciones*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003, p. 257-266.

TYRWHITT, J.; SERT, J. L.; ROGERS, E. N. (Orgs.). *The Heart of the City: towards the humanisation of urban life*. London: Lund Humphries, 1952.

VON MOSS, S. *Le Corbusier: elements of a synthesis*. Rotterdam: 010 Publishers, 2009.